

Comunidade: **Barbalha** Estado: **Ceará**

“Reisado: um patrimônio da Humanidade” *

Oswald Barroso

Por sua longevidade, pela riqueza e a diversidade como se apresenta em vários continentes, o Reisado pode ser considerado patrimônio da humanidade, manifestação valiosa de sua cultura imaterial. Aparecendo na Europa e no Oriente, desde a Idade Média, assim como no continente americano a partir da sua descoberta por navegantes europeus, o Reisado tomou feições as mais variadas, incorporando elementos das mais diferentes procedências e ganhando características locais, para refletir um universo multicultural em suas manifestações. No Brasil, ele se manifesta com diferentes nomes (Terno de Reis, Tiração de Reis, Folia de Reis, Reisado – de Congo, de Caretas ou de Couro, de Caboclos, de Bailes -, Boi, Rancho de Reis, Guerreiros, etc.), por todo o seu território.

Ele é, a um só tempo, tiro, auto-épico, brincadeira de terreiro, cortejo de brincantes, ópera popular e teatro tradicional. É rito porque encena o mito de origem do mundo cristão popular, com o nascimento do Divino. Auto-épico porque se dá em roda, com a participação ativa da comunidade. Cortejo popular porque as diversas linguagens artísticas (música, teatro, dança, artes visuais – nos figurinos e adereços), numa só apresentação. Teatro tradicional porque se trata de manifestação cênica construída secularmente pela coletividade.

Em todas as duas formas, o Reisado é essencialmente um teatro nômade, peregrinal, processional, ambulante, uma grande narrativa desenvolvida por um grupo de brincantes, sem começo ou fim, na busca interminável da utopia que, entre suas várias traduções, tanto pode ser lida como o Divino (no caso dos Reis Magos), quanto como a “Terra Sem Males” dos índios brasileiros. Daí poder traduzir-se como uma caminhada, que tem um sentido, mas não uma rota determinada, pois pode mudar ao sabor dos ventos ou de outras circunstâncias, as mais diversas. Uma viagem que “vem

* Obra publicada pelo Banco do Nordeste, Programa Tradição Cultural: Programa mensal que tem como Objetivo a documentação, a pesquisa e a discussão sobre as manifestações típicas das tradições artístico-culturais nordestinas, contribuindo para a preservação e o fortalecimento do Patrimônio imaterial da região.

TEXTO: Barroso, Oswald. Reisado: Um Patrimônio da Humanidade. Juazeiro do Norte: Banco do Nordeste, 2008.

do começo do mundo”, como dizem os brincantes, e que, como o mundo, não se sabe se em alguma época se cabe.

Porém, durante esta viagem acontecem paradas, ao modo dos autos medievais, que os Reisados fazem ao longo da caminhada, quando narram, em terreiros, ruas ou praças, o que aconteceu até o ponto em que chegara. Nessas ocasiões, os brincantes dialogam com os circunstantes, ou seja, com os viventes do percurso, sobre o que já viram e viveram ao longo do trajeto. Por isso, tudo é devir, momento em transição, instante que se fabrica e se supera à medida que se realiza, ocasião em que o passado se presentifica, para se traduzir em futuro. O que os brincantes vivem, no Reisado, é o mundo que buscam que se encontra com o passado, para se materializar no presente.

“Os Reisados no Ceará e no Cariri”

Os Reisados, como aparecem no Ceará, são folguedos populares do ciclo natalino, presentes, com variações, em todas as macro-regiões do Estado, que se estruturam na forma de um cortejo de brincantes, representando a peregrinação dos Reis Magos a Belém, e se desenvolvem, em autos, como uma rapsódia do Boi. Suas etnografias revelam manifestações culturais de extrema complexidade e riqueza de detalhes, resultantes da acumulação de saberes e práticas coletivas, que se organizam em torno de um grupo de figuras, feitas por brincantes, através de hábitos incorporados, em procedimentos cênicos, que podem servir de referência a um renovado fazer teatral. Combinando elementos épicos e cômicos, seu riso é o riso de homens e mulheres que se vêem como parte da natureza, celebra a liberdade e a abundância, invertendo hierarquias e valores estabelecidos. A subsistência destes folguedos se faz por uma economia de dons e sua dinâmica implica a doação de traços culturais das mais diferentes procedências. A incorporação das figuras pelos brincantes se dá por um processo de desencantamento, que faz com que homens e mulheres simples, do povo trabalhador, tirem de si figuras de Reis e Rainhas, Santos e Guerreiros, que trazem ocultas. Um esboço de cartografia destes folguedos possibilita a percepção de diversidades, que podem se originar tanto de diferenças nas formações culturais das várias regiões, quanto, simplesmente, de particularidades individuais, na trajetória de mestres e brincantes.

No Cariri cearense, ao lado dos Reisados de Congo, mais numerosos na região, aparecem, em alguns municípios, os Reisados de Caretas ou de Couro, tanto na sua

forma tradicional, tendo como núcleo a família dos Caretas, quanto na modalidade de Reisado de Bailes, no qual também aparecem os Caretas. Em Barbalha, onde predominam os Reisados de Congo, podem ser encontrados os Caretas das duas modalidades, anteriormente citadas. Na localidade de Barro Vermelho, o Reisado de Caretas tem em sua estrutura, além do Velho e da Velha, quatro Caretas filhos. Vale notar, que neste Reisado, à maneira dos Reisados de Congo, aparecem ainda o mestre e o Contramestre. O mesmo acontece no Reisado de Bailes, no Sítio Pelo Sinal, no qual ao lado de um par cômico de Caretas, colunas de quatro Galantes e quatro Damas, comandadas por um Mestre, animam uma série de bailados, cuidadosamente coreografados, ao estilo das contradanças medievais. As damas são filhas do Mestre, que aparece como o dono do salão e promotor do baile. Durante o brinquedo, revezando-se com os bailados, pequenos dramas são encenados, geralmente criticando costumes. Em Campos Sales e Potengi, no Sul do Estado, os Caretas também aparecem em família, comandados pelo Velho, ali chamado Pai dos Caretas.

Da mesma forma que em Jardim, na região do Cariri-Araripe, onde ficam Potengi e Campos Sales, é comum a brincadeira de caretas, durante a Semana Santa. Pela noite, e maior número, e mesmo durante o dia, eles saem em grupos, pelos sítios e pelas ruas, fazendo grande algazarra, mexendo com as pessoas, assustando as crianças e praticando pequenos furtos. No Sábado de Aleluia, os Caretas acompanham o Judas ao sítio, onde será enforcado. Embora guardem semelhanças com os Caretas de Reisado, eles se diferenciam no traje, porque se vestem com batas, vestidos ou mesmo capotes, muito largos e compridos. Além disso, usam máscaras dos mais diferentes materiais, que cobrem toda a cabeça e carregam amarrados á cintura, grandes chocalhos, que só raramente aparecem no traje dos Caretas de Reisado.

É a partir de sua estrutura de figuras, que o tipo de Reisado pode ser definido. No Reisado de Congos, a estrutura é de uma pequena tropa de nobres guerreiros chefiadas por um Mestre, com dois Mateus e uma Catirina, fazendo o contraponto cômico. No Reisado de Bailes, o Amo, ou Mestre, é um nobre ou fazendeiro, que constitui a base da brincadeira, reunindo, em um baile, suas filhas e pretendentes, que formam o conjunto de Damas e Galantes. Já o Reisado de Couro ou Caretas, sua estrutura baseia-se no universo de uma fazenda de gado, dramatizando o conflito entre o

Amo (Patrão ou Capitão) e os Caretas (seus moradores). Neste caso, o Velho e a Velha Careta¹ fazem o par de cômicos.

No Cariri, em 12 municípios, encontrei pelo menos 30 grupos de Reisados, entre de Congos (a maioria), de Caretas ou Couro e de Bailes. Eles estão presentes em Abaiara: um Reisado de Congos (Mestre José David de Souza); em Araripe, um Reisado de Congos (no Distrito de Pajeú, do Mestre, Chiquinho Veloso, e Reginaldo Veloso, como responsável atual); em Barbalha, um Reisado de Caretas (Barro Vermelho, com a denominação de Reisado de Couro, do Mestre José Pedro de Oliveira), quatro de Congos (Sítio Cabeceiras, Conjunto Nova Esperança, Sítio Lagoa e Bairro Alto da Alegria, tendo como Mestres Damião Barbosa e Francisco Belizário dos santos, entre outros) e um de Bailes (no sítio Pelo Sinal, o único que aparece em todo o Estado, tendo como antigo Mestre, Luís Vitorino); em Brejo Santo, um Reisado de congo (Mestre Raimundo Cajueiro); em Campos Sales, um Reisado de Caretas e um de Congos, na Lagoa dos Pinheiros (tendo como Mestres Antônio de Mariquinha e Antônio Romeiro, atualmente Chica do Rosário), e um Reisado de Caretas, no Sítio Alívio (do Mestre José Ribeiro da Silva); em Caririaçu, o Reisado do Mestre José Matias da Silva; no Crato, três Reisados de Congos (um adulto, na Vila Lobo, do Mestre Aldenir Calou, dois femininos, um na Bela Vista da Mestra Luisiane Calou; e um das filhas do falecido Dedé Luna); no Juazeiro do Norte, nove grupos de Reisado de Congos (Reisado São Sebastião, de Sebastião Cosmo, Reisado Dois Irmãos ou Discípulos do Mestre Pedro, Reisado Estrela Guia da Mestra Lúcia, Reisado Saleziano de Francisco Felipe Marques, o Mestre Tico, e os reisados do Mestre Tarcísio e o da Mestra Vicência); em Mauriti, um grupo de Reisado de Congos; na Vila Operária (Mestre antigo Dionísio Félix e responsável atual, Genério Feliz de Moura); em Missão Velha, também um grupo de Reisado de Congos (Sítio Pontal da Serra, Mestre Raimundo Firmino dos Santos, o Raimundo Boi) e em Potengi, um grupo de Reisado de Caretas no Sítio Sassaré (Mestre Antônio Luis de Souza) e em Salitre, um Reisado de Caretas e de Congo, na sede do município (Raimundo Bonequeiro, antigo mestre). Sem dúvidas, esta é a região do Estado mais rica em Reisados. Predominam os Reisados de Congos, mas também aparecem em boa quantidade os Reisados de Caretas, que às vezes ganham o nome de Reisado de Couro. Vale notar a existência de um Reisado de Bailes, em Barbalha.

¹ Às vezes aparecem com nomes: Pai Francisco ou cazuza, o Velho; e Catirina, a Velha.

“A Origem Mítica do Reisado”

Na maioria dos casos, os brincantes costumam responder a pergunta sobre o significado do Reisado, contando o que, segundo eles, teria sido sua origem. Ou seja, tiram o significado pela origem. Mas em vez de colocar esta origem na história, colocam-na em um tempo mítico, em um tempo divino. Para compreender o sentido destas respostas, é importante ao leitor, conhecer a noção do sagrado, comum às sociedades primitivas e tradicionais, estudadas por tanto antropólogos, entre eles Lévi-Strauss e Mircea Eliade². “Visto o Tempo sagrado e o Tempo da origem, o instante prodigioso em que uma realidade foi criada, em que ela se manifestou, pela primeira vez, plenamente, o homem esforçar-se-á por voltar a unir-se periodicamente a esse

Tempo original (...) a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e, portanto, religioso), mas sim sua reatualização”. (ELIADE, 1996:73)

Estes autores mostram que no âmbito das festas religiosas, instala-se o que eles chamam Tempo e o Espaço primordial, onde cada ser ou acontecimento ocupa um lugar determinado e funda-se na origem das obras divinas. Tal cosmologia pode ser facilmente percebida, quando os brincantes explicam que uma brincadeira é como é, porque sempre foi assim, “isso vem do começo do mundo”, como dizem. Os vários tipos de Reisado têm seus significados explicados por fatos que ocorreram por ocasião de seu ato fundador, o nascimento de Cristo, visto pelos brincantes como o começo de um novo mundo, o início da era atual.

A explicação dada por Antônio Romeiro, Mestre de Reisado de Campos Sales, sobre a origem dos Reisados, é exemplar por sua força poética. Senão vejamos: “*O Reisado é uma devoção aos santos reis, é a brincadeira que eu tenho desde pequenininho e que eu gosto de brincar. O Reis de Congo veio do nascimento do Menino Jesus. Havia os dois, o reis de congo e o reis do oriente. Os dois vieram resguardar o menino Jesus. Então eles receberam uma ordem de Deus: - Vocês vão brincar pra ganhar o pão. – Quem foi que disse que nós queríamos brincar para ganhar o pão? Quem disse isso? – Foi o Menino Deus. Esses reis eram todos pobres. Eram reis dos pobres. Aí eles começaram a brincar para ganhar o pão. Deus deu o meio de viver a todos, pra pessoa não ficar vagando pelo mundo. Então Deus deu aquelas partes, uma*

² Especialmente nos livros: o Pensamento Selvagem. LEVI-STRAUSS, Claude, Campinas (SP), Papirus, 1989. E o Sagrado e o profano; Eliade, Mircea – São Paulo: Martins Fontes, 1996

arte, uma coisa, trabalho na roça, um negócio. Depois, Deus disse: - Vocês vão festejar o Santo Reis. Aí ficou aquela brincadeira. Começaram a festejar quando Jesus nasceu e continuaram até hoje. Um foi brincar de Reis de Congo e o outro foi brincar de Reis de Careta. O Reis de Congo é o Rei dos negros, porque ele é preto. O Reis de Congo é o Reis que, de manhãzinha, está bem novo e, de tarde, está bem velhinho. Porque ele tinha e tem milagre. O milagre é esse: a pessoa viver, ficar velha mas não deixar de ser menino. Então, de manhãzinha, ele estava novinho. Mas quando o sol se ia, de tardezinha, ele tava com o cabelinho bem alvinho, velhinho. O Reis de Careta é o Reis do Oriente. O Reis do Oriente veio do alto. Quando Jesus morreu, ele foi guardar, mode os judeus não irem tirar Jesus. Ele usava máscara pra eles, os Judas, não conhecerem. Se o Judas visse que era ele, o Judas dava fim³.”

No mesmo sentido parece seguir a explicação de Florêncio Virgílio do Nascimento, o Ló 70 anos, brincante de Reisado de Caretas, do Assentamento Santana, município de Monsenhor Tabosa, interior do Ceará. A uma pergunta sobre o que significa o Reisado, ele respondeu: *“O Reisado significa que o Reisado vem do começo do mundo. Isso aí foi uma coisa que, quando Jesus nasceu lá em Belém, três Reis do Oriente foram visitar Jesus. O Herodes disse ‘quando vocês voltarem, passem aqui que eu quero saber, visitar esse menino também’, que ele queria matar. Aí eles voltaram pra lá, tirando Reisado. Inventaram um Boi, uma Burra e três Caretas. Aí eles vieram de casa em casa, quando passaram na fazenda do Reis Herodes, ele não conheceu. Aí começou o Reisado. Mas isso aí vem do Céu, o Reisado tá na igreja, tá em todo canto tá no Céu.”*

Explicação semelhante à de Ló foi dada por Manuel Cabral, brincante do Reso (designação usada na região para chamar o Reisado) Tremembé, da localidade de Varjota, município de Almofala, litoral Oeste do Ceará. Manuel, com outras palavras, conta a mesma história: *“O Reso é a história do Nascimento de Cristo. Porque todos estavam anunciando o Salvador e quando Jesus nasceu, todos os reis foram visitar ele. No caminho, os reis passaram pela casa de Herodes, que disse que eles fossem e quando voltassem, dissessem onde estava o Salvador. Eles foram, mas Jesus pediu que eles não passassem pela casa de Herodes. Eles voltaram e quando passaram pela casa de Herodes, foram dançar o Reso, disfarçados de Papangu”.*

³ Antônio Romeiro, trabalhador rural sem-terra e mestre de Reisado, natural de Juazeiro do Norte, residente em Campos Sales, entrevista concedida em 15 de Dezembro de 1989, na localidade de Lagoa dos Pinheiros.

Histórias como estas se repetem na boca dos mestres e brincantes mais antigos. Para eles, o Reisado é uma criação divina e veio do começo do mundo. Pelo menos, do mundo criado com o nascimento do Deus Menino. Por isto, seu tempo é um tempo sagrado, não cotidiano. É um tempo cíclico, que tem início todos os anos e periodicamente se renova. Para a maioria, tem começo no início do ano, no dia 1 de Janeiro. Para outros, na noite mesmo de Natal. O Reisado é assim um rito de renovação do mundo, do mundo sagrado, criado por Deus e recriado pelo Menino Jesus, no dia do seu nascimento.

Mas enquanto o Reisado de Congo é um Reisado de desencantamento, isto é, em que os brincantes, abandonando suas identidades cotidianas revelam-se como Reis, no Reisado de Caretas eles são Reis que se encantam em vaqueiros e outros em trabalhadores do ciclo do gado, para enganar seus inimigos. Ambos os Reisados representam cortejos relacionados à busca do sagrado. Porém se o Reisado de Congo é o Reisado da ida, o Reisado de Caretas é o Reisado da volta. Os dois, no imaginário dos brincantes, estão ligados a mecanismos de revelação e ocultamento, usados pelo povo para se defender dos inimigos.

A levar em consideração, portanto, o que pensam esses mestres e brincantes, o Reisado de Caretas, no caso, seria cortejo de volta de Belém, empreendido pelos Reis Magos, disfarçados por Caretas, no caso, seria o cortejo de volta de Belém, empreendido pelos Reis Magos, disfarçados por Caretas (máscaras), que fazendo autos pelo caminho encenavam comédias. E os Caretas, por consequência, seriam Reis disfarçados (por autorização de Deus e inspiração do Menino Jesus), ou encantados, como veremos adiante, descendentes, segundo Antônio Romero, não Baltazar, mago negro (que teria iniciado o Reisado de Congo), mas de Gaspar e Belchior. Deste ponto de vista, o Reisado seria uma forma de ocultamento, disfarce ou encantamento, usado como defesa contra perseguidores poderosos.

É a partir de sua estrutura de figuras, que tipo de Reisado pode ser definido. No Reisado de Congos, a estrutura é a de uma pequena tropa de nobres guerreiros chefiada por um mestre, com dois Mateus e uma Catirina, fazendo o contraponto cômico. No Reisado de Bailes, o Amo e seus Caboclos, no caso um grupo de índios semicristianizados. Quanto ao Reisado de Caretas, sua estrutura baseia-se no universo

de uma fazenda de Gado, dramatizando o conflito entre o Amo (Patrão ou Capitão) e os Caretas (seus moradores). Neste caso, o Velho Careta⁴ fazem par de cômicos.

“O Reisado de Congo”

Filho imediato dos Congos, de quem herdou a estrutura de corte, os “entronamentos”, “destronamentos” e batalhas reais, o Reisado de Congo, ou Reis de Congo, somou a este o folguedo do Bumba-meu-boi, com seus inúmeros entremezes. “O Reisado de Congo original mesmo é este que a gente brinca esse que tem espada, que tem trágico!”. Explica Aldenir Calou, Mestre de Reisado em Crato. No Ceará, estende-se por todo Cariri e dali chega até as outras regiões (quase sempre levado por caririenses). Espalha-se através dezenas companhias, principalmente nos municípios de Juazeiro, Crato e Barbalha, mas também em jardim, Milagres, Mauriti, Araripina (Pernambuco), Missão velha, alcançando inclusive Cedro e Campos Sales. Não por coincidência, tanto no Ceará quanto no Nordeste, em geral, é mais encontrado em zonas de influência de imigração alagoana e no próprio Estado de Alagoas, onde mereceu um detalhado estudo de Théó Brandão. (1953)

Em território cearense, entretanto, tendo chegado provavelmente no final do século passado, projetou-se de tal modo em quantidade e qualidade que hoje podemos dizer há um Reisado de Congos local, com variações próprias de figuras, entremezes, peças e embaixadas. Vale observar que não só no Reis de Congos caririenses há numerosas referências a nomes de cidades e aos naturais de Alagoas. Também nos reisados de Alagoas (ainda da primeira metade deste século), aparecem freqüentes referências a Juazeiro do Norte e ao Padre Cícero, evidenciando a influência recíproca.

Os brincantes de Reisado (atores-dançarinos) compõem um conjunto de figuras (personagens fixos) que, além das diversas partes obrigatórias do Reis de Congo, executam bailados que chamam peças (canções cantadas e dançadas) e encenam uma série de “entremeios” (corruptela de entremezes). Seu espetáculo compõe-se de Marcha em Cortejo, Abertura da Porta, entrada, Louvação ao Divino, “Entronamento” e “Destronamento” do Reis, execução de Peças e entremezes (ou “Entremeios”, como dizem os brincantes), comédias do Mateus, encenação de Embaixadas e Batalhas, Despedida. Seu entremezes mais costumeiros é o Boi, a Burrinha, o Jaraguá, São Miguel a Alma e o Cão, Velho Anastácio, o Urso e o Italiano, o Sapo, Pai Tomé e Mãe

⁴ Às vezes aparecem com nomes: Pai Francisco ou Cazuza, o Velho; e Catirina, a Velha.

Maria, a Sereia, o Bode, o Babau, o Lobisomem, o Guriabá, a Doida, o Cangaceiro e o Soldado, e o Gigante.

Comumente, uma companhia de Reisado de Congo compõe-se das seguintes figuras: Rei, Mestre, Contramestre, dois Embaixadores, dois Guias, dois Contra-guias, dois Coices, dois Contra-coices, quatro figurinhas (também chamadas de Marujos ou Romeirinhos, sendo que os dois derradeiros são os Bandeirinhas) e dois Mateus (com nomes diferentes, tipo Cravo Branco e Flor do Dia). Algumas vezes, aparecem também a Rainha e a Catirina, obrigatórios na parte dos Quilombos. Os tocadores de caixa, de triângulo, de ganzá, etc. não são considerados da companhia, mesmo que trabalhem costumeiramente com ela. Eles são contratados por fora, apenas acompanham a companhia como agregados.

Esta estrutura hierárquica dos Reisados de Congo, além de óbvias inspirações nas cortes medievais européias, guarda notável inspiração na estrutura hierárquica dos engenhos de açúcar, da sociedade canavieira do Brasil Colônia, nem como nos cortejos de vaqueiros e tangerinos que acompanhavam o transporte das boiadas, do sertão às feiras nos centros urbanos, durante o mesmo período.

Assim é que o Rei pode ser comparado ao senhor de engenho, personagem um tanto quanto resguardado do conflito com o escravo, distante e com certa aura de justiça e bondade. Muitas vezes, os escravos perseguidos e castigados pelos feitores recorriam aos senhores de engenho, na esperança de deles obterem justiça. Também no Reisado, o Rei matem-se distante e comunica-se com os brincantes através do Mestre (uma espécie de feitor), com quem fica o encargo da disciplina e da organização da brincadeira.

Nas fazendas dos senhores de engenho, além do feitor (chefe dos trabalhos no eito), havia o Mestre (chefe dos trabalhadores no engenho de açúcar). Sob seu encargo ficava o trato direto com os trabalhadores e a responsabilidade de organizar e comandar a produção, “pelos seus conhecimentos sobre o preparo do produto fazia jus à mais alta remuneração”. (ANTONIL 1967, p.62)

Também a Rainha do Reisado guarda certa semelhança com as senhoras de engenho. Estas tinham uma vida contemplativa e sedentária como se supõe tenham as rainhas, viviam paradas em seus redutos ou eram carregadas em redes ou liteiras que funcionavam como tronos. Isto talvez tenha a ver com a atitude passiva das rainhas de Reisado que permanecem o maior tempo da brincadeira sentadas em suas cadeiras.

O Contra-mestre é também encontrado no engenho de açúcar. Antonil fala explicitamente que é o banqueiro é como o 'Contra-mestre' da cana de açúcar. (1967, p.199) O Guia e o Coice, estes guardam o nome dos vaqueiros que acompanhavam a tropa de gado na travessia do sertão. Informa Gustavo Barroso: "Dividido todo gado, a um sinal do 'cabeça de campo', os vaqueiros de cada fazenda tocam os gados de suas 'entregas'. Um vai à frente, aboiando. É o 'guia'. Cercando o gado, quase na frente, seguem os 'cabeceiras', ao meio, os 'esteiras', mais atrás os 'costaneiros', e por fim, na retaguarda, os do 'coice'". (1956, p.51) No mesmo sentido, Câmara Cascudo explica: "Quer no coice (atrás) ou na guia (adiante) da boiada, o vaqueiro sugestiona inteiramente o gado que segue, tranqüilo, ouvindo o canto melancólico." (1956, p.26)

Já a importância da presença das crianças no Reisado, notadamente dos meninos, pode vir tanto da catequização jesuítica que utilizava os meninos para introduzir, entre os gentios, sua religião, como também do fato de entre os índios os meninos terem presença destacada nas danças.

Costumeiramente, os Reisados de Congo apresentam-se nos períodos festivos, tanto nas festas juninas quanto nas natalinas e na epifania. Além disso, atendendo a convites, costumam fazerem-se presentes nas solenidades de Renovação do Coração de Jesus que acontecem anualmente nas casas de devotos e ainda em casamentos, batizados, primeiras comunhões etc. o Reis de congo do Mestre Sebastião Cosmo, por exemplo, que se chama Reisado São Sebastião costuma festejar também a festa do Santo que lhe dá nome.

Nos últimos anos, os Reisados têm reativado seus espetáculos, por ocasião do mês do folclore, agosto, quando são muito solicitados. Apresentam-se também em festivais e eventos promovidos pelo poder público ou pela Igreja. O fato é que, a partir do final dos trabalhos na roça, em maio, até meados de janeiro, antes do início do inverno, é tempo para as representações do Reis de Congo, seja em terreiros, praças ou até mesmo no meio da rua (em frente à casa do contratante).

Costumeiramente, os brincantes do Reisado são trabalhadores rurais sem-terra. No geral, rendeiros que durante o inverno trabalham na agricultura, plantando em terra alheia. No verão, época em que o Reisado se faz ativo, transferem-se para outras ocupações, uns vão cortar cana, outros empregam-se na usina, outros prestam serviço de vigia etc.os que ficam na roça plantam mandioca,fazem cerca e brocam terreno para plantar no inverno. Nos Reisados da zona urbana de Juazeiro do Norte, os artesãos e

pequenos vendedores ambulantes aparecem. No Reisado de Sebastião Cosmo, o Rei, por exemplo, trabalha como sapateiro. Miguel Francisco de Souza, Mateus famoso, é carroceiro. Mestre Aldenir Calou é morador de sítio, encarregado da administração.

O número de apresentações das companhias de Reisado pó ano varia imprevisivelmente. As do sítio mais afastados chegam a brincar apenas três noites no ano, enquanto aquelas mais conhecidas e mais organizadas fazem até 15 apresentações. São realizadas, na maior parte, no próprio município onde o Reisado está sediado. Mas também atendem a chamados de outros municípios, tanto da região como de Fortaleza e Estados vizinhos. Raimundo Nonato, por exemplo, informa que seu Reisado costma excursionar por Missão Velha, Barbalha, Crato e Juazeiro, Farias Brito e Porteirias, além de ter vindo até Fortaleza.

O tempo de duração de um espetáculo do Reis de Congo é definido.

Determina-se de acordo com o desejo do contratante. Para ser bem executado, necessita, no mínimo, umas quatro horas. O Reisado completo, com todos os entremezes e partes, levariam “três dias e três noites” para ser apresentado.

Ultimamente, a pedido de autoridades, os Reisados fazem pequenas apresentações para turistas e para a televisão durante festas públicas, geralmente em palanques. O tempo dessas apresentações não pode exceder de meia hora. Muitas vezes, ocupa apenas 15 minutos. Os Mestres não se recusam a fazê-las, visando divulgar o Reisado e render algum dinheiro para os brincantes. Porém, reclamam do tempo escasso, por serem apresentações empobrecedoras, isto é, em que só é possível mostrar algumas peças e um pedaço de um entremez, no geral o Boi. O perigo desse tipo de apresentações, se muito repetida, é que contribui para a perda da memória de muitas partes do Reisado.

O número de brincantes de cada companhia de Reisado varia entre 15 e 30 pessoas. Para ingressar em uma delas é preciso passar pelos critérios do Mestre. E o primeiro destes critérios é a boa conduta. *“Uma pessoa se apresenta, pedindo para brincar no Reisado. O Mestre vai sabê quem é ele, em que Reisado já brincou. E vai atrás para sabê porque ele saiu do Reisado. Se foi por má conduta, eu não ceio. Digo: ‘Meu filho, eu não quero não’. Mas se foi somente por outra coisa, comparação, por cachaça o cara pode corrigi. Porque tem Mestre que o figurado dele bebe e ele bebe do*

mesmo jeito. Mas se o figurado num vê o Mestre bebê, num vai bebê também não. Eu ou responsave pelos de menor...” (Sebastião Cosmo).

Difícil encontrar uma companhia que tenha elenco fixo. No geral, apenas o núcleo de brincantes, formado pelos parentes mais próximos do Mestre, é permanente. Os outros brincantes vão se revezando. Preencher, porém, o número necessário à brincadeira não é difícil porque no Cariri de brincantes em potencial, isto é, de pessoas que conhecem os passos e as peças de Reisado é bem grande.

Os recursos para a manutenção do Reisado, confecção do figurino e dos adereços (incluindo os bichos) vem de apoios recebidos do poder público (Prefeituras ou Governo do Estado), pagamentos das apresentações pelos contratantes, doações da platéia, do próprio bolso do Mestre ou do “dono” do Reisado.

O pagamento por apresentação também não é muito alto. Por isso, é preciso completar o ganho dos brincantes, botando ‘sorte’ com espada ou lenço. *“Quando nós vamos contratado, nós vamos por tanto. Uma importância pouca. Às vezes, sendo pessoa amiga, a gente não cobra nada. E tira dinheiro do povão que vai vê a brincadeira, botando espada pra um e pra outro. Um lencim num e noutra. Quando o cabra, no meio da festa esquenta a cuca, está meio lá, meio cá, dá até cinquenta, cem contos.”*(Antônio Félix). Para solicitar a ajuda em dinheiro da platéia, “botar sorte”, como dizem, o brincante entrega a espada ou outro adereço, ou coloca um lenço no ombro da pessoa. Esta, então, vê-se na obrigação de devolver a espada, o adereço ao brincante junto com qualquer quantia em dinheiro.

Há ainda outras formas de pedir dinheiro à platéia, como através de versos improvisados elogiando alguém. Com a mesma finalidade, um brincante pode fazer um bicho agarrar um espectador (o Jaraguá, por exemplo, segurando a manda de uma pessoa com a boca). Ele só solta a vítima em permuta de um trocado. Antigamente o Jaraguá podia soltar sua vítima em troca de qualquer alimento ou mercadoria, rapadura, por exemplo. Hoje, ele quer dinheiro.

Qualquer figurante pode “tirar a sorte”. O dinheiro assim obtido será dele, não sendo obrigado a dividir com os demais brincantes. Com isto, quem sai perdendo muitas vezes é o Mestre. Miguel Francisco informa que *“O Mestre, por cerimônia, não ‘bota forte’, ou porque não tem tempo. Então, ele acaba ganhando menos que todos os demais”*.

Já o dinheiro pago pelo contratante ao Reisado vai para as mãos do Mestre. Mas ele é obrigado a repartir com todos, inclusive com os tocadores. Em alguns Reisados, esta divisão se faz por igual, do Mestre ao último figurinha. Noutros, os figurinhas (meninos) ganham menos.

Os trajes do figural, assim como os dos entremezes, são de responsabilidade do Mestre. Ele adquire-os por conta própria ou com ajuda de outros (da Prefeitura, de políticos, de comerciantes, etc.). Guarda-os em sua casa e nos dias de brincadeira distribui-os entre os brincantes. O traje é do Reisado, não é do brincante. Se um brincante sair da companhia, deixa o traje.

“Os Reisados de Caretas e de Bailes”

O Reisado de Caretas, também chamado Reisado de Couro, se caracteriza por ser um Reisado, se caracteriza por ser um Reisado típico do sertão do gado, e tematiza as relações entre o fazendeiro (o Amo, o Capitão ou o Patrão) e seus moradores (os Caretas), tendo por ponto culminante, a morte e ressurreição do Boi. Tem por núcleo dramático uma família de vaqueiros (mostrada em sua paródia cômica), formada pelos Caretas, assim chamados por usarem uma máscara tradicionalmente feita de couro (porém na atualidade, mais frequentemente de tecido ou outros materiais). Chefiada por um casal cômico de velhos pecuaristas (o Velho e a Velha caretas) que invertem a hierarquia da instituição familiar, a família de Caretas inclui ainda, como vimos, pelo menos, quatro filhos, nomeados pela profissão que exercem ou pelo lugar que ocupam na família. São o Careta Vaqueiro, o Careta Magarefe, o Careta Poeta e o Careta Caçula. Como agregados, apresentam-se as Damas e, também, podem aparecer os Galantes, o Rapaz do Amo e ou os Cordões de Meninos e Meninas. Em oposição à família Careta, podem fazer parte da brincadeira Reis (inclusive os Reis Magos), Rainhas, Príncipes, Princesas, Papangus e os Cordões Azul e Encarnado. Completam o plantel de figuras, o Capitão, que é o dono da casa, e o Dono do Boi (se apresente a apresentação).

No Cariri, entre seus entremeios, verifica-se a presença do Babau. Do Bacurau, da Caipora, da Cauã ou Pua, do Folharal, do Jaraguá, do Mane Pequeno, do Pai Tomé, do Ururu e da Bandeira. Em Barbalha, onde predominam os Reisado de Congo, podem ser encontrados caretas, em Reisados das duas modalidades citadas. Na localidade de Barro Vermelho, o Reisado de Caretas, temem sua estrutura, além do Velho e d Velha,

quatro Caretas filhos. Vale notar, que neste Reisado, à maneira dos Reisados de Congo, aparecem ainda o Mestre e o Contramestre. O menos acontece no Reisado de Bailes, no Sítio Pelo Sinal, no qual ao lado de um par cômico de Caretas, colunas de quatro Galantes e quatro Damas, comandadas por um Mestre, animam uma série de bailados, cuidadosamente coreografados, ao estilo das contradanças medievais. As Damas são filhas do Mestre, que aparece como o dono do salão e promotor do baile. Durante o brinquedo, revezando-se com os bailados, pequenos dramas são encenados, geralmente criticando costumes. Em Campos Sales e Potengi, no Sul do Estado, os Caretas também aparecem em família, comandados pelo Velho, ali chamado Pai dos Caretas.

No Reisado de Caretas, assim como os demais Reisados Cearenses, os entremeios obrigatórios são o do Boi e o da Burrinha, porque animais presentes no presépio, durante a visita dos Reis Magos, segundo o entendimento do brincante. O Boi e a Burrinha foram encontrados em todos os Reisados por nós pesquisados. Os demais bichos e entremeios não são obrigatórios. Muitas vezes aparecem com nomes diferentes, embora com características semelhantes.

O Reisado de Bailes, do Sítio Pelo Sinal, em Barbalha, como vimos, tem sua estrutura em uma família rural, de nobres ou fazendeiros, em que o pai organiza um grande baile para apresentar as filhas (damas) à comunidade e particularmente a possíveis pretendentes (galante). Embora inclua figuras outras, tiradas do Reisado de Caretas, desenrola-se em torno da apresentação de entremezes, dramas e comédias, geralmente cantados, intercalados por contradanças (os bailes).

O primeiro deles é o Baile da Pantomina, em que se encena uma pequena comédia cantada e mimada, que tem por tema a preguiça. A segunda comédia precede o Baile do Pedido de Casamento. Há também o Baile da Fazenda, que se dança após uma pequena comédia, em que um vendedor de fazendas oferece seus produtos fiados. Segue-se um diálogo, em que o vendedor tenta trapacear o freguês, mas acaba sendo logrado por ele. No final, os brincantes executam a contradança do lenço, que tem uma coreografia simples, mas bem marcada.

A comédia de João Alencar, também, é seguida por um baile, em que se executa uma contradança. Um cordão de três Damas está dançando uma marchinha, quando chega o Pai e Marido, que no caso é feito pelo Mestre. São vésperas de Natal e ele traz boas notícias. Havia conseguido um abono, para os presentes da filha. Já a Comédia do Engenho, como as demais, é toda cantada. Trata das relações entre patrão e trabalhador,

fazendo uma crítica aos maus empregadores. Começa com o dono do engenho oferecendo emprego. No final, os brincantes dançam o trancelim do pau de fita, imitando um engenho.

“Reisado de Couro (Barbalha - CE)”

Residentes do sítio Barro Vermelho em Barbalha, Ceará, formado por familiares e tendo à frente o Mestre José Pedro, conhecido como Mestre Zé Gonçalo, que começou sua atividade de brincador de reisado de couro no sítio do Barro Vermelho, há 50 anos. Hoje, aos 79 anos, é o mais antigo integrante do grupo. Atualmente o grupo é formado por quinze integrantes.

O reisado de Couro parece remontar dos tempos em que uma das atividades econômicas de maior importância do sertão cearense era a pecuária, conforme o Oswald Barroso nos fala, o ponto culminante do Reisado é a matança do Boi e a relação entre os brincantes e o boi, o tendo como principal figura, no Reisado de Couro da Barbalha ele é chamado de Chita Fina ou Estrela; a matança do Boi é o enredo de toda a história do reisado, feita em versos de improviso de caráter engraçado.

Integrantes:

José Gonçalo – José Pedro (Mestre)	Antônio Gonçalves – Careta Babau	Lucas Antônio dos Santos – Careta
Luiz Correia - Boi Pai Tomé	Francisco Fabilicio - Careta	Roseno – Careta e Burrinha
Antônio Ribeiro – Filha da Veia	Deda Fabilicio - Careta	Gilvan de Sousa – Regional Sanfoneiro
Francisco – Veia	Francisco Paixão - Careta	Antônio Jean – Regional Triângulo
Paço – Urubu	Enoque - Careta	Aldenir de Sousa – Regional Bumba

“Reisado Decolores (Crato – CE)”

Quando chegamos a casa de Dona Celina Luna (viúva do Mestre Dedé de Luna), nos deparamos com um grande terreiro, nele, sobrinhos, netos, bisnetos e filhos fazem a brincadeira do Mestre Dedé de Luna continuar... Dona Celina nos falou contagiada pela nostalgia, lembrou o tempo de solteiro do Mestre Dedé de Luna, quando fugia do pai para brincar, lembrou do início do casamento, quando brincavam reisado, lapinha, faziam dramas e comédias em palcos improvisados, em cima de caminhões... Lembrou de quando vieram os filhos, as filhas, netos e bisnetos e mais uma vez viu, emocionada,

que hoje após a morte do Mestre Dedé de Luna eles, filhos, filhas, sobrinhos, netos, bisnetos, continuam a brincadeira, mantendo a tradição, ao tempo em que renovam.

O Reisado Decolores surgiu quando da construção da capela do Muriti, para que através das brincadeiras fosse conseguida a verba necessária para a construção, formado de mulheres da comunidade, já que os homens não queriam brincar.

Após a morte de Dedé Luna, Mazé, sua filha, o sucedeu. Hoje a família, tendo a frente às três irmãs, Penha, Mazé e Expedita, organizam um Reisado, uma lapinha e um coral.

Integrantes

Natália – Princesa	Jéssica – Embaixador	Pedro – Mateus
Renta – Rainha	Wilma – Contra-gui	Diego – Músico instrumental tarol
Ulliane – Entremeio Burrinha	Camila – Contra-guia	Ramiro – Músico instrumental bumba
Roberto – Entremeio e Jaraguá	Edênia – Base	Vicente – Músico instrumental violão
Emanuel – São Miguel	Edna – Base	Penha - Cantora
Alicio – Alma	Juliana – Figurinha	Expedita – Cantora
Vinícius – Cão	Clécia – Figurinha	Mazé - Mestra
Cássia – Contra-mestre	Maria – Figurinha	
Alana – Rei	Ramile – Figurinha	
Deisiane – Embaixador	Joana – Figurinha Central	
	João – Mateus	